

## Quem 'matou' Erving Goffman?

## Who 'killed' Erving Goffman?

Rod Watson<sup>1</sup>

*Mytholmroyd, England*

### RESUMO

A questão chave colocada por este artigo é "Por que o rico legado intelectual deixado por Erving Goffman raramente foi utilizado e desenvolvido por cientistas sociais e linguistas?" Em um espírito de *jouissance*, esta questão e a resposta que proponho vão ser apresentadas em forma de um mistério, assim como a investigação que leva à solução. Inicialmente, o legado de Goffman será apresentado levando em conta seus pontos 'fortes' e 'fracos'. Em seguida, buscaremos a solução através de referências aos trabalhos dos defensores de Goffman, bem como de seus supostos oponentes. Em terceiro lugar, apresento uma barreira para a caracterização apropriada, desenvolvimento e apreciação crítica do legado de Goffman. Praticamente ninguém atualmente ligado a suas análises encontrou o nível apropriado através do qual descrever ou criticar sua obra. Argumento neste artigo que o nível apropriado para a investigação e crítica profundas das análises de Goffman vem daquilo que Ludwig Wittgenstein, em sua obra tardia, denominou "gramática lógica" – a gramática lógica dos tropos, símiles e analogias de Goffman. Ilustrações claras deste tipo de análise são oferecidas a partir da obra do professor e diretor de teatro Konstantin Stanislavski.

### PALAVRAS-CHAVE:

Erving Goffman. Performances. Tropos. Símiles. Etnometodologia.

### ABSTRACT

The key question posed in this article is "Why has the rich intellectual legacy bequested by Erving Goffman hardly ever been subsequently taken up and built upon by social scientists and linguists?" In a spirit of *jouissance*, this question and its proposed answer will be put in mystery form, and the investigation leading to its proposed solution will be pursued in the following manner. First, Goffman's legacy will be outlined with regard to its purported 'plusses' and 'minuses'. Secondly, the solution is pursued by references to the work of Goffman's latterday advocates and to his alleged opponents. Thirdly, a barrier to the proper characterisation, development and critical appreciation of Goffman's legacy was that hardly anyone currently concerned with his analyses has found the appropriate level at which to describe or criticise them. It is argued in this in this paper that the appropriate level for the deep investigation and critique of Goffman's analyses is that of what Ludwig Wittgenstein, in his later work, terms 'logical grammar' - the logical grammar of Goffman's tropes, his similes, his analogies. Perspicuous illustrations of this form of analysis are offered from the work of the theatre director and teacher of acting, Konstantin Stanislavski.

### KEYWORDS:

Erving Goffman. Performances. Tropes. Similes. Ethnomethodology.

Recebido em: 17.03.2021

Aceito em: 07.05.2021

<sup>1</sup> E-mail: r.watson339@btinternet.com

## 1. Introdução

A obra de Goffman teve uma grande influência sobre mim no início da minha carreira como sociólogo, e eu não sou o único: sua obra foi tremendamente influente na disciplina da Sociologia. A primeira coisa a se ter em mente é que Goffman era antes de tudo um sociólogo/antropólogo social. Como ele mesmo declarou em uma entrevista a Jef Verhoeven (1993), ele não se interessou pela Linguística até seu último livro, *Forms of Talk* (Goffman, 1981): nele, pela primeira vez, é apresentado um elemento daquilo que o próprio Goffman considerou como “sociolinguística” – uma “virada linguística/comunicacional” parcialmente tomada por ele. Acredito que Yves Winkin, que escreveu uma biografia intelectual de Goffman (Winkin, 1998), foi muito perspicaz em ser um dos primeiros a enfatizar a relevância de suas análises para a compreensão da comunicação interpessoal.

Entretanto, acho que é um pouco forçado tratar Goffman como se fosse um “antropólogo da comunicação” *per se*. Ele certamente não se via assim, e raramente citou o cânone reconhecido dos antropólogos da comunicação (Dell Hymes, Ray Birdwhistell, etc.) e nunca deu a eles um lugar central em suas análises. Eu definitivamente considero Goffman um antropólogo, e um grande contribuidor para o gênero da sociologia que chamamos “sociologia antropologicamente orientada”. Para mim, ele é a quintessência do antropólogo social (mesmo que altamente inovador), mas não um antropólogo da comunicação. Quando Goffman veio para a Universidade de Manchester, muitos anos antes de eu ir trabalhar lá, o catedrático que o convidou foi Max Gluckman, ele próprio uma figura proeminente na Antropologia, e que já então (c.1966) considerava Goffman um dos principais antropólogos contemporâneos. A contribuição de Goffman para a Antropologia e para a Sociologia foi, de fato, imensa, tanto no Reino Unido quanto na América do Norte.

Entretanto, antes de iniciarmos nosso assunto e nos aproximarmos do “mistério” ligado ao legado da obra de Goffman, permitam-me prestar um tributo a este canadense notável, Erving Goffman, a quem mais tarde vim a conhecer pessoalmente (espero que me perdoem por introduzir um pouco da minha própria autobiografia acadêmica neste ponto). Meu primeiro encontro com a obra de Goffman foi como estudante de graduação em Sociologia. Eu ainda era um adolescente, estudando as várias “grandes teorias” da sociedade.

O que quer que seja que elas façam, as teorias sociológicas – e, podemos acrescentar, muitas teorias antropológicas e linguísticas também – tipicamente contêm “imagens da realidade”, imagens que influenciam tanto a teoria quanto o método. Isso se aplica mesmo às teorias mais

formais e abstratas. Essa observação não é nenhuma novidade – o teórico interacionista simbólico Arnold M. Rose (1967) já observara isso há mais de meio século. Entretanto, como um estudante de graduação em Sociologia, essas imagens teóricas da sociedade me apresentaram um problema. Eu conseguia compreender e apreciar a coerência lógica e elegância conceitual dessas teorias, mas muitas vezes eu achava suas imagens da realidade social praticamente irreconhecíveis. Naquelas imagens, eu não conseguia ver a sociedade que me circundava. Nem conseguia me localizar nelas, encontrar minha posição social. Eu não estava só neste sentimento de anomia: Wes Sharrock, um importante sociólogo, me disse certa vez que se sentia exatamente assim quando começou a estudar Sociologia. Minha atitude para com os teóricos sociais então era similar à definição de Woody Allen sobre os intelectuais, ‘alguém com brilhantes teorias sobre o mundo, mas que não faz ideia do que está acontecendo’.

Quando conheci Goffman, tudo mudou. Goffman certamente SABIA o que estava acontecendo. Meu professor na Universidade, o eminente sociólogo Anthony Giddens (hoje Lord Giddens) apresentou à nossa turma o primeiro livro de Goffman “A representação do Eu na vida cotidiana” (Goffman, 1959). A descrição que Goffman faz de “Preedy” na praia, e, por exemplo, da comunidade de Baltasound, na Ilha Shetland de Unst foram completamente reconhecíveis por mim, mesmo que eu nunca houvesse estado lá. Eu reconhecia as descrições de Goffman sobre a sociedade não apenas abstratamente, como ordenamento institucional superior, mas concretamente, em termos da organização social visível dos encontros e atividades cotidianas – coisas comuns, banais, que me eram familiares. Isso foi uma revelação. A obra de Goffman satisfazia aquilo que para mim se tornou um requisito crucial para análises sociológicas ou antropológicas – o da reconhecibilidade. Eu experimentei aquilo que Tom Wolfe chamou de “o choque do reconhecimento”. Fui “puxado” para dentro de suas análises pela clara cotidianidade e familiaridade de seus exemplos – cozinhas de restaurantes, postos de gasolina ou bailes dançantes. Existe muito “exoticismo” na Sociologia, muita confiança nas situações bizarras, marginais ou atípicas em nossos dados: podemos (também) aprender muito sobre a organização social cotidiana, se conseguirmos remover as camadas que tomamos como dadas (*taken-for-grantedness*) e encobrem estes aspectos. Mesmo que em breve eu vá questionar o modo como Goffman descreve a realidade social, o seu estilo de escrita realmente faz isso: nos mostra aquilo que cotidianamente não vemos, porque está debaixo do nosso nariz.

A “qualidade sedutora” da obra de Goffman depende em parte daquilo que eu chamo de “reconhecibilidade básica” ou ao menos “verossimilhança” e no seu foco nas condutas

comunicativas de todos os tipos. A sua escrita nos “puxa para dentro” apelando àquilo que você sabe e reconhece sobre sua própria sociedade. Ele usa magistralmente aquilo que você já sabe como membro comum da sociedade. Essa qualidade sedutora é também um produto do seu estilo de escrita, frequentemente espirituoso e encantador, e contém uma ampla variedade de mecanismos persuasivos, dos quais a verossimilhança é apenas um. Ele tem um senso de humor mordaz e sinuoso, com um fraseado extraordinário e revelador. Sobretudo, ele usa como recurso sua clareza, lucidez e precisão. Ele é um expert em convencer seus/suas leitores/as a ver as coisas à sua maneira. Na Antropologia e na Sociologia – na Linguística também – muitas vezes uma redação obscura é erroneamente considerada como indicador de um intelecto superior ou de profundidade analítica. Goffman evidencia a falsidade desta premissa. Goffman nos lembra, por contraste, o famoso conselho de Wittgenstein (1980), segundo o qual ‘se uma ideia não pode ser expressa claramente, provavelmente há algo errado com a ideia’. Seguindo Wittgenstein, eu acho que deveríamos suspeitar mais de textos obscuros nas Ciências Sociais, Linguísticas e Ciências da Comunicação.

Para mim, Goffman foi o primeiro sociólogo que eu li a tratar explicitamente daquilo que chamamos “o elefante na sala” da disciplina da Sociologia. Ele enfrenta um assunto que os outros sociólogos intuía que estava presente de modo massivo, mas ao qual raramente se dignaram a reconhecer: este “elefante” é a linguagem ou a comunicação. A Sociologia ignorou esse fator a despeito de que o próprio Émile Durkheim, em seu clássico “As Regras do Método Sociológico” (Durkheim, 1982) considerava a linguagem como o exemplo perfeito do conceito de “fato social”. Os sociólogos ainda não reconhecem unanimemente o trabalho que a Linguística fez ao colocar a linguagem e a comunicação no cerne da definição de sociedade. Meu curso de graduação ensinou muito pouco sobre linguagem e comunicação: na melhor das hipóteses, elas eram tratadas como tópicos menores e especializados.

Entretanto, mesmo como aluno de graduação, eu percebia que nenhuma das grandes instituições da sociedade – lei, medicina, religião, etc – poderia funcionar sem comunicação. Os/As médicos/as precisam falar com seus/suas pacientes, colegas, etc, como condição *sine qua non* do exercício de sua profissão. Assim, a ordem social deve necessariamente ser uma ordem comunicativa. O que eu não compreendia completamente naquela época era que a Sociologia – assim como a Antropologia, a Linguística, etc – também era um fenômeno da linguagem natural e que, queiramos ou não, os recursos da linguagem natural (qualquer que ela seja) operam de modo largamente ignorado de modo a moldar a própria análise sociológica, quer textualmente, quer em

formas orais. Quando eu comecei a entender isso melhor, passei a me interessar sobre como o trabalho textual de Goffman e outros sociólogos modelou suas análises, e como pode, também, ser fonte de problemas, como tentarei mostrar adiante. Ainda assim, mesmo quando Goffman não havia feito sua “virada linguística/comunicacional”, ele já havia percorrido um bom caminho nessa direção para despertar meu interesse sociológico pelas condutas comunicativas, e a examinar as transações linguísticas/comunicativas da ordem social. Esse interesse moldou inteiramente a minha carreira profissional como sociólogo. Esta carreira começou quando escolhi tópicos de “linguagem-na-sociedade” para minha monografia de conclusão de curso e dissertação de Mestrado.

Como algumas vezes foi observado, Goffman escreve como um romancista, e sua escrita já foi várias vezes comparada à de Marcel e mesmo de Franz Kafka (Belloi, 1993). O célebre dramaturgo e ensaísta britânico Alan Bennett (1994) descreveu a natureza da escrita de Goffman com mais precisão do que a de muitos de seus defensores:

“...a verdade que se encontra em Goffman é a verdade que se busca na ficção”.

Ainda assim, a obra de Goffman não é somente para cientistas sociais – como afirmei acima, há em sua obra um interesse específico para a Linguística. Desde sua tese de Doutorado, Goffman **afirmou** que estava descrevendo e analisando aquilo que ele chamava de “conduta comunicativa”. Ele analisou estas condutas de acordo com os enquadramentos da Sociologia e da Antropologia, e não da Linguística. É claro que os/as linguistas podem ter uma abordagem legítima sobre esta obra, desde que, ao menos inicialmente, se aceitem os “termos de engajamento” sociológicos e antropológicos de Goffman. Nós, cientistas sociais, lhes damos as boas-vindas! Quanto mais perspectivas sobre a obra de Goffman, melhor.

É importante frisar também a influência significativa que Goffman teve – especialmente no Reino Unido – para além das ciências sociais. Um grande número de pessoas não-acadêmicas leu seus livros, o que raramente se ouve dizer sobre outros sociólogos. As vendas de seus livros foram estratosféricas. Alan Bennett produziu um documentário sobre um hotel no vilarejo de Harrogate, em Yorkshire, baseado na obra de Goffman, assim como o diretor teatral e multiartista britânico Jonathan Miller, que produziu e dirigiu uma ópera. Vários outros escritores e artistas prestaram tributo à influência de Goffman sobre eles/as e na cultura inglesa em geral. Alan Bennett atribui a Goffman a popularização do termo “interação” na cultura corrente. Embora isso seja impossível de provar, acredito que, numa boa medida, seja verdade.

Assim, Goffman é uma figura notável na cultura anglófona. Ele próprio era uma pessoa

muito culta, um cosmopolita nascido em uma cidadezinha isolada em Alberta. Ele tinha extenso e profundo conhecimento sobre artes, romance e teatro: ele parecia particularmente interessado pelo teatro do absurdo e por dramaturgos como Pirandello. As notas de rodapé de seus livros estão cobertas dessas referências. As fontes que ele cita são tanto históricas quanto contemporâneas. Entretanto, suas referências não são somente da “alta-cultura”, ou da “grande arte”. Suas referências são simplesmente justapostas a outras da chamada “baixa cultura”. Aqui, uma referência a Pirandello ou Henry James; ali, referência a um recorte de jornal sobre vigaristas ou prostituição organizada: a cada referência é atribuído igual valor. Há um igualitarismo maroto nas fontes de Goffman. Aristocratas e mendigos são usados para mostrar que possuem as mesmas características, as mesmas técnicas de gerenciamento da impressão, e exemplos da “alta” e da “baixa” cultura são justapostos sem qualquer demarcação de status.

## 2. Então o que Goffman realmente faz?

A preocupação geral de Goffman não era com a apresentação do *self*, papéis discrepantes, comportamento regional, etc., *per se*. Em vez disso, ele busca responder a uma simples pergunta sociológica: “o que acontece quando dois ou mais indivíduos se encontram em contato face-a-face (ou seja, em copresença física direta)?” Todos os seus livros podem ser vistos como a formulação de uma variedade de respostas a essa questão e a consideração das implicações analíticas formais dessas respostas. Ele frequentemente reconceitualiza suas respostas, não uma vez, mas várias. Como disse Emanuel A. Schegloff (1988), vários dos livros de Goffman contêm reorientações de fundo (p. ex: *Relations in Public*, *Frame Analysis*, ou *Strategic Interaction*).

Goffman começa a responder a questão da copresença examinando uma variedade de encontros interpessoais ao longo de uma série de situações da vida cotidiana, tal como descrito por etnógrafos e outros/as observadores/as (jornalistas, romancistas, etc), Esses *settings* do **mundo real** incluem as suas próprias observações e a de outros relatos sobre cassinos, restaurantes, velórios, bancos, cenas de crime, situações de rua e incontáveis outras. Neste sentido, Goffman estava usando essa variedade de cenas naturalmente-situadas da vida cotidiana como uma espécie de “laboratório natural” improvisado com o qual ele poderia “testar” suas conceitualizações e propostas. É como se ele estivesse manipulando um prisma em diferentes posições, de modo a lançar diferentes luzes sobre um dado fenômeno social, como a “performance de papel”. A grande variedade de *settings* que ele examina o sensibiliza para as exceções,

variações, contra-exemplos e outros “controles” usados em sua análise e leva estes “casos estranhos” bastante a sério. De certa maneira, eles contrabalançam sua metodologia corroborativa e baseada na elaboração de padrões: por outro lado, elas a autorizam (sendo “a exceção que confirma a regra”, como diz o ditado). Neste sentido, Goffman emprega uma espécie de método comparativo. Ele estuda as condutas comunicativas em torno das normas sociais, incluindo o estudo destas normas em sua ruptura, examinando o que a ruptura desta norma pode nos dizer sobre ela: neste ponto, sua abordagem traz ecos distantes dos famosos experimentos de ruptura (*breech experiments*) criados por Harold Garfinkel.

Acima de tudo, Goffman não apenas analisa, mas constantemente re-analisa a conduta face-a-face. A cada livro, ele aparentemente começa novamente, usando conceitos novos. É relativamente raro que Goffman cite seus livros precedentes. Como Wes Sharrock (1976) observa com picardia, é quase como se seus livros anteriores não existissem para ele. (Entretanto, vou apresentar minhas reservas a esse juízo categórico mais adiante). O objetivo auto-outorgado por Goffman era a produção de uma “sistemática” da conduta comunicativa e social. Certa vez, ele me disse pessoalmente que quanto mais mecanicista era uma teoria da interação, mais ele a apreciava. Uso isto para indicar seu compromisso com pelo menos alguma forma de “sistemática”. Embora possa ser argumentado que suas re-conceitualizações não eram cumulativas, e, portanto, não eram a melhor maneira de avançar progressivamente na construção de uma “sistemática”, ele persistiu na sua imensa proliferação de conceitos. Ao invés de uma grande teoria abstrata e generalizante de toda a ação social ou comunicativa como a de Habermas, Goffman tentou definir conceitos precisos e específicos que se ajustam firmemente a situações reais e a tipos de ação no mundo real. Como ele diz com perspicácia em seu celebrado livro “Manicômios Prisões e Conventos” (*Asylums*):

...para que os conceitos sociológicos sejam tratados adequadamente, cada um deles deve ser ligado ao aspecto a que melhor se aplica, e seguido a partir daí até onde pareça levar, e obrigado a revelar o resto de sua ‘família’. Talvez seja melhor usar diferentes cobertores para abrigar bem as crianças do que utilizar uma coberta única e esplêndida, mas onde todas fiquem tremendo de frio (Goffman, 1996, 12).

Essa citação é em boa medida reminiscente do trabalho tardio de Wittgenstein. Ele também desconfiava da “coberta única e esplêndida” da grande teoria generalizante. Wittgenstein também recomendou consideração com o “caso particular”, que não é levado em consideração pela maioria dos filósofos. Goffman também avança com base em casos particulares, o que estava longe de ser aceito por outros cientistas sociais, que de modo caricatural, o acusaram de

“assistemático” e “impressionista”.

A citação de Goffman também indica que um de seus objetivos era a classificação das ações e situações sociais – por exemplo, classificando o conjunto de maneiras pelas quais as pessoas estigmatizadas podem gerenciar o seu estigma. Elas podem escolher entre:

- Esconder o estigma (“ficando no armário”);
- Ostentar o estigma (por exemplo, em uma “Parada do Orgulho Gay”)
- Minimizar o estigma;
- Nem minimizar nem ostentar o estigma, mas rotinizá-lo, tornando-o acessível apenas quando relevante.

Esse conjunto de respostas gerenciadas ao estigma constitui uma tipologia. Aqui, Goffman mostra suas raízes sociológicas, mas principalmente antropológicas: ele era um inveterado taxonomista. Nesse e em outros aspectos, Goffman é muito mais um antropólogo social convencional do que um antropólogo da comunicação. Porém, ao contrário dos etnometodólogos/as e analistas da conversa, ele estava muito mais interessado em suas próprias taxonomias de nível analítico do que nas “taxonomias *folk*” das pessoas comuns. Acredito que isso fez parte do desentendimento que Goffman teve desde cedo com seu aluno de Doutorado Harvey Sacks.

O que Goffman propõe é que quando as pessoas estão em copresença imediata, face-a-face, há uma imediata e inevitável troca de informações – signos de todos os tipos: oral, aural, tátil, visual, etc. Neste sentido, Goffman foi um dos primeiros sociólogos a ser analista da informação, como Andrew Carlin observa. Goffman argumenta que as pessoas copresentes buscam gerenciar este fluxo recíproco de informações em termos de enquadramentos ou constrangimentos normativos. Uma aplicação de enquadramento normativo é, por exemplo, separar as informações trocadas entre as pessoas presentes de acordo com a distinção normativa “acreditável/não acreditável”. Tendo feito isso, outra prática normativa consiste em gerenciar esses tipos de informação. Por exemplo, maximizar a informação “acreditável”, minimizar ou mesmo ocultar as informações “não-acreditáveis” é um procedimento básico de produção de uma “apresentação do self” ou da “performance” de uma pessoa na presença de outras que compartilham o mesmo enquadramento normativo. Tais práticas de gerenciamento podem incluir o engodo, diz Goffman. Isso levou muitos críticos a acusar Goffman de ser “cínico”. Pessoalmente, não vejo nada errado em alguém ser cínico, mas ainda assim, acho que a acusação é infundada. Poderíamos também dizer que a visão que Goffman tem das pessoas é a de que elas são seres morais, preocupados em

conformar-se a normas e a mostrar para os outros que estão fazendo isso. Na verdade, sua adesão a um enquadramento normativo é tão forte que pode se tornar fortemente simbólica ou mesmo ritualizada em cerimônias. Isso me parece muito distante de uma visão cínica por parte de Goffman. Pelo contrário, me parece um temperamento bastante romântico.

As normas em questão podem incluir polidez, por exemplo, usando de “tato” (tipicamente, mas desta vez com razão, Goffman o denomina como “inatenção civil”) para descartar informações não acreditáveis passadas pelos outros. Isso levou vários advogados sociológicos de Goffman, tal como Phillip M. Strong (1983) a considerar que Goffman era primariamente, talvez exclusivamente, um analista de maneiras, de polidez ou etiqueta. Goffman tinha de fato maestria na análise da polidez e etiqueta, e uma vez em que o encontrei ele me perguntou sobre meu professor Norbert Elias, cuja obra ele conhecia bem. Elias também sabia a importância de estudar a polidez. O interesse de Goffman pelo fenômeno socialmente significativo da polidez (ainda hoje um tópico raro na Sociologia, embora a civilidade tenha sido mais estudada) foi apropriado por alguns linguistas que estudam os “fenômenos da polidez”. Entretanto, é preciso avançar com calma para não se ter uma leitura prejudicialmente superficial de Goffman. Ele estuda a polidez como uma forma normativa, mas as normas a que Goffman se refere vão muito mais fundo do que isso. Seu estudo da polidez está enraizado em formas normativas muito mais profundas (ele ecoa o famoso estudo de Bertram Doyle sobre a etiqueta racial nos Estados do sul dos EUA, uma “etiqueta” fundamentada em normas de prática e subordinação racistas). Vejamos também as práticas normativas que ele descreve em seu magnífico livro *Estigma*, onde pessoas estigmatizadas são tratadas com práticas como abandono coletivo, acusação, degradação e evitação ritual. Práticas assim dificilmente podem ser descritas como “polidas”. Goffman analisou a polidez, mas ela não foi seu único objeto de estudo, e nem ele destacou os “fenômenos da polidez” das outras formas sociais normativas. Ao simplesmente isolar o interesse de Goffman pela polidez de sua ancoragem profunda como fazem alguns linguistas com a ideia de “fenômenos da polidez” implica “fatiar” a sua descrição da ação social como quem tira lascas de um verniz. É possível tirar lascas do verniz de uma mesa de café, mas não se pode apresentar a lasca de verniz como sendo a mesa. Dizer que Goffman é somente um analista da polidez é um pouco como dizer que Lewis Hamilton é “apenas um designer de moda”. Hamilton é um designer de moda, mas não é por isso que ele é reconhecido.

Então o que Goffman realizou? Que legado ele nos deixou? O que ele fez foi tornar acessível para os sociólogos – e linguistas e antropólogos – um novo domínio, um domínio a que

ele viria a chamar de “A Ordem da Interação”. Foi por isso que Édison Gastaldo escolheu como título para sua coletânea “Erving Goffman, desbravador do cotidiano” (Gastaldo, 2004). É um bom título. Este domínio é de fato um domínio “institucional”, cujo estudo podemos acrescentar ao estudo das instituições sociais, como a educação, a religião, etc.

Entretanto, como John Heritage (2001) mostrou, para Goffman este domínio não é uma simples adição aos outros domínios, como a educação, medicina ou religião; ele pode ser considerado como o substrato interacional subjacente a todas as outras instituições. Cada instituição social tem sua própria “ordem da interação”. O trabalho cotidiano de todas as instituições sociais é realizado através de práticas interacionais, incluindo as condutas comunicativas. De fato, mas é preciso cautela sobre como investigar este ponto. Garfinkel, por exemplo, recusou-se a ser descrito tanto como interacionista simbólico quanto como construcionista social. Ele disse que estudar “a interação social” *per se* implica perder o foco, o “quê” (*whatness*) de qualquer atividade coletiva. Tanto para os participantes quanto para os/as analistas, o foco de qualquer atividade coletiva é “o ponto”, “a razão”, “cumprir a tarefa”, não a interação em si. Os participantes da equipe médica em uma cirurgia não a realizam “para interagir”, eles/as o fazem para estancar uma hemorragia, fazer uma sutura, etc, em um/a paciente. Pesquisadores/as que estudam a interação *per se* estão, segundo Garfinkel, deslocando seu objeto de análise (é interessante que o interacionista simbólico Herbert Blumer já tivesse feito uma crítica similar à análise de Goffman em seu artigo “*Action versus Interaction*” na revista *Society*, Abril de 1972).

Sob muitos aspectos, Goffman não é um revolucionário acadêmico. De modo consistente, as explorações de Goffman em seu “novo” domínio mostram um real conservadorismo intelectual. Segundo ele mesmo, seu foco nas normas foi importado de sociólogos e antropólogos tradicionais, como Émile Durkheim, A. R. Radcliffe-Brown, Talcott Parsons e W. Lloyd Warner. Dessa tradição, Goffman explicitamente usa o conceito de “papéis de status” do antropólogo Ralph Linton (e de Parsons), um fundamento para sua noção central de “papel”. O foco de Goffman nas observações do mundo real e de cenas da vida cotidiana vem em larga medida de Everett C. Hughes, seu professor na Universidade de Chicago e, por extensão, dos professores do próprio Hughes, George Herbert Mead e Robert Ezra Park. Park, por sua vez, foi aluno do filósofo alemão Georg Simmel. As origens das análises de Goffman são profundas, e sua obra cresce a partir delas.

Greg Smith (1994) escreveu um artigo excelente que apresenta Goffman como uma espécie de Simmel dos nossos dias, e acredito que Smith está correto. Como Simmel, Goffman é um

mestre da análise formal (e seu formalismo mostra todos os equívocos analíticos de Simmel, também). Goffman parece único, singular, e o é, de muitas maneiras. Entretanto, como o artigo de Smith indica, a obra de Goffman pode ser entendida nos termos dos sociólogos que o próprio Goffman reconhece como seus precedentes. Ele próprio se define explicitamente como um positivista, e eu concordo com isso. Neste “modo positivista” suas orientações são também resolutamente empíricas.

Usando os próprios termos de Goffman, ele não é, em nenhum sentido sociológico usual, um “construcionista social”. Suas raízes durkheimianas o predisõem a ver os vários recursos e as várias ações que realizamos em nossa vida cotidiana como algo que recebemos “pronto”, previamente definido, algo que “nos é transmitido” mais do que “construções” de qualquer tipo, como, por exemplo, a posição do “interacionismo simbólico” de Blumer poderia sustentar. Nisso, ele também concorda com Garfinkel, que também negou ser um “construcionista social” e inclusive criticou o próprio uso desse termo. Talvez aquilo que Goffman chama de técnicas de “gerenciamento da impressão” possam ser vistas por alguns como uma “construção”, mas Goffman não as descreve dessa maneira. Para ele, as técnicas simplesmente ativam estes recursos previamente recebidos, como definições sociais. Uma coisa é certa: Goffman não vê os recursos usados na interação como sendo derivados de fontes psicológicas. Se a sua obra às vezes é chamada de “Psicologia Social”, seria uma psicologia social deliberadamente limitada, firmemente contida pelos parâmetros da antropologia social e da sociologia antropológica.

Quanto à obra de Goffman ser não-cumulativa, acredito que esse argumento contém alguma verdade, mas pode estar sendo exagerado. Andrew Carlin encontrou alguns aspectos da obra de Goffman que são de fato cumulativos. Quando uma vez visitei Goffman em sua casa, comentei com ele que eu achava alguns aspectos das apropriações da Análise da Conversa por linguistas um tanto mecanicistas. Ele respondeu, para minha surpresa: “Ah, Rod, quanto mais mecanicista, melhor!” No contexto específico daquela época, considerei que isso significava que ele estava a buscando chegar à sua versão do que a Análise da Conversa chama de “sistemática” da interação. Obviamente, algumas de suas decisões analíticas são contraproducentes para este fim: ele quase nunca cita suas obras anteriores nos livros seguintes, e mostra-se pouco preocupado em integrar a sua obra. Porém, eu acho que existe base para questionar se Goffman estaria mesmo o tempo todo simplesmente “começando tudo de novo”.

### 3. O que aconteceu ao legado de Goffman?

Assim, este é o legado, a herança que Goffman nos deixou. É um legado precioso e muito produtivo. Porém, devo dizer que à parte um pequeno grupo de defensores, o legado de Goffman tem sofrido um declínio, a ponto de quase desaparecer de suas disciplinas de origem, e seu nome foi desaparecendo com ele. Isso é uma tragédia, exceto que, ao contrário da tragédia, esta não era inevitável. Quando eu digo “Quem ‘matou’ Erving Goffman?”, o “corpo de delito” é na verdade um *corpus* de conhecimento, o conhecimento que Goffman nos deixou. Ele se foi das disciplinas, e Goffman como personagem está indo embora também. É o tipo de coisa a que o próprio Goffman chamaria de “morte social”. Ele desapareceu do cânone dos grandes sociólogos, e isso é tão triste quanto uma morte real. Durante as décadas que se passaram desde que Goffman morreu, houve poucas exegeses (e menos ainda aplicações) de qualidade variável por parte de seus devotos defensores, mas praticamente não existem estudos que **usem** a análise de Goffman em seus próprios termos. Apenas ler Goffman não é suficiente para preservar seu legado: ele deve ser aplicado. Deve haver um amplo *corpus* de trabalhos “goffmanianos” na sociologia, antropologia e linguística. Goffman está desaparecendo das disciplinas-raiz, e isso é sério, porque os cânones estão alojados dentro das disciplinas e a obra de Goffman mereceria ser canônica.

Além disso, não houve nenhum realinhamento crítico substancial, nenhum desenvolvimento, nenhuma **atualização** da obra de Goffman em seus próprios termos. Há poucos estudos empíricos que sejam reconhecida e genuinamente “goffmanianos”. A única possível exceção é o livro de Philip M. Strong (Strong, 1979) *The Ceremonial Order of the Clinic*, que é provavelmente o único que avança a forma analítica de Goffman. A obra de Goffman é vista como sendo lida e admirada, mas nunca emulada. Goffman declarou que “a morte social muitas vezes precede a morte física”, mas no seu caso, a morte social sucedeu sua morte física. Desnecessário, dada a incrível qualidade de seu trabalho.

Claro que houve algumas pequenas pilhagens desse *corpus*. Alguns linguistas usaram conceitos isolados, como “face” e “footing”/“status de participação” e os transplantaram em seus próprios quadros de referência, ao invés de preservar o quadro de referência do próprio Goffman. Sociólogos fizeram a mesma coisa. Este tipo de transplante traz o risco de rejeição, ou de, no caso, incoerência/inconsistência lógica. Ao justapor à força peças de quebra-cabeças diferentes, não se obtém uma figura maior, apenas *nonsense* visual. Muitos desses transplantes adventícios são feitos por analistas da conversa contemporâneos, que “redescobriram” Goffman. Ele, porém, que às vezes usava, mas normalmente tendia a se opor à Análise da Conversa, teria achado pouca graça

disso, já que sua obra está sendo sujeitada aos propósitos específicos da Análise da Conversa, não os de Goffman. Seus conceitos são redefinidos de modo a ajustarem-se ao enquadre da Análise da Conversa, e não ao enquadre goffmaniano de onde eles são originários. Os propósitos e quadro de referência da Análise da Conversa são bastante diferentes dos de Goffman, que insistiu pessoalmente nesse ponto.

Eis porque eu declarei certa vez: “Goffmanville é uma cidade fantasma. Só turistas vão lá”.

#### 4. Um mistério para “Sherlock Holmes”

Tudo isso nos traz, novamente, um mistério para resolver. Este mistério pode ser expresso por uma série de questões. Por que e como o legado e a reputação de Goffman morreram? Quem fez isso? A quem culpar por esta perda? Devemos considerar vários suspeitos. Se este fosse um mistério de Sherlock Holmes, estaríamos suspeitando de seu talentoso oponente, o Professor Moriarty, então quem é o Moriarty no nosso caso? Enquanto isso, para investigar esse mistério à maneira de Conan Doyle, teremos o filósofo linguístico e analista conceitual Ludwig Wittgenstein, fazendo o papel de Sherlock Holmes. Mycroft Holmes será interpretado pelo antropólogo e sociólogo Edward Rose, enquanto o cronista de Holmes, o Dr. Watson, será representado pelo Dr. Watson (eu). Todo o tempo, precisaremos nos lembrar que o próprio Goffman figura entre os suspeitos, na medida em que ele próprio contribuiu para seu próprio esvanecimento, dados os elementos não cumulativos, não progressivos de sua obra. Em seus livros, ele lança um chamado às armas, mas parece relutante em deixar outros se aproximarem. Nisso, ele se assemelha bastante ao criador da Etnometodologia, o sociólogo Harold Garfinkel.

Na verdade, já se disse várias vezes que “é preciso ser Goffman para fazer o que Goffman faz”. Pode-se entender o que isso quer dizer, considerando o seu singular talento para a escrita. Ele criou uma espécie de clube bastante difícil de se entrar. Pelo menos, há um ou dois estudos bastante estritos em seguir a tradição goffmaniana, tais como o esclarecedor livro “*The Cerimonial Order of the Clinic*” (Strong, 1979) – um dos poucos estudos que se autodeclaram “goffmanianos” a ser realmente citado por Goffman (o trabalho de Marilyn Merritt é o outro).

Embora originalmente concebido como um elemento pedagógico, eu mantive neste artigo minhas referências a Sherlock Holmes, já que elas estão, eu acho, bastante alinhadas com o uso extensivo que Goffman faz de imagens e analogias imaginativas e provocadoras. A analogia de Holmes certamente me ajudou a organizar meu argumento e espero que ela ajude ao menos alguns leitores/as.

## 5. Os suspeitos de Holmes

Holmes cogitava várias possibilidades acerca de quem seria o criminoso, então vamos fazer o mesmo. O primeiro conjunto de suspeitos são aqueles que de modo acertado ou errôneo foram considerados oponentes da obra de Goffman, a quem poderiam ser plausivelmente imputadas motivações homicidas. Entre eles, os principais são os etnometodólogos e analistas da conversa. Certamente os apoiadores de Goffman tendem a vê-los como potenciais erradicadores de sua obra. É aqui, então, que vamos começar a procurar as pistas que Sherlock poderia usar: de acordo com os apoiadores de Goffman, existe, no mínimo, um motivo.

Os defensores de Goffman alegam que os etnometodólogos e analistas da conversa são os mais implacavelmente hostis à obra de Goffman. Isso é surpreendente, já que, para mim, as críticas mais hostis vieram de outras direções, por exemplo, de neomarxistas como Peter Worsley, de variados pós-modernistas, analistas da intertextualidade e outros que acreditam que a Sociologia é apenas um empreendimento literário (muito dela é). Pelo menos um desses analistas deixou vazar a crítica do célebre analista literário Harold Bloom sobre Goffman, embora o próprio Goffman desprezasse tais exercícios puramente "literários" e contrastasse seu próprio trabalho com tais exercícios. Greg Smith apontou o dedo para os etnometodólogos/as como sendo frequentes "opositores" de Goffman (Smith, 2003), mas esta é uma descrição muito grosseira e simplista da situação real (e é uma pista para Holmes). Em meu primeiro artigo sobre Goffman, tomei muito cuidado para não ser simplesmente oposicional para com ele. O título de meu artigo era "*Goffman, talk and interaction: some modulated responses*" (Watson, 1983). O termo *modulated* (moduladas) era importante e sincero. Assim como outros etnometodólogos, minha abordagem para com Goffman sempre foi nuançada, e não simplesmente oposicional. Não tenho nenhuma dúvida de que meus colegas etnometodólogos com toda a sinceridade diriam o mesmo.

Os etnometodólogos e analistas da conversa possuem uma orientação complexa com relação às análises de Goffman. É importante lembrar, como eu afirmei acima, que os conceitos de Goffman foram usados em outros contextos por analistas da conversa, enquanto, por sua vez, Goffman se apropriou de um grande número de concepções propostas por Harvey Sacks e outros pioneiros da AC. Muitas vezes, Goffman simplesmente renomeava os conceitos, reclamando sua autoria. Como muitos exploradores, Goffman segue a trilha batida por exploradores anteriores. Já mencionei como ele tomou e renomeou as sequências de dois enunciados a que os analistas da conversa chamam de "pares adjacentes". Goffman se apropria da mesma concepção e os denomina *couplets* [literalmente, "parelha de versos" N. do T.]. Da mesma forma, ele se apropriou

da noção de “reparo”, aboliu o seu nome e a renomeou como parte da categoria mais ampla de “*remedial interchanges*” (intercâmbios remediais).

Outro exemplo: quando quer evitar a análise sequencial típica da AC, Goffman inventou seu próprio termo “*Floor Cues*” (pistas básicas) para designar aquilo que os analistas da conversa chamam de “Sequências de pré-anúncio” (*pre-announcement sequences*). Um marido lendo o jornal exclama: “Meu Deus!”, ao que sua esposa orienta sua escuta e pergunta: “O que foi?” – e então o marido faz seu anúncio: “Trump foi derrotado!” De certa maneira, Goffman trata a presença da esposa, se não a sua resposta, como parte do contexto relevante. Mas para analistas da conversa, “Meu Deus!” é a primeira parte de uma sequência de pares adjacentes chamada de “sequência de pré-anúncio” (*pre-announcement sequence*) (Terasaki, 2008), uma sequência com propriedades singulares. A resposta da esposa “O que foi?” é a segunda parte de uma sequência, uma resposta à primeira parte, e não parte do contexto de fundo. Essa pré-sequência abre caminho para o anúncio em si, “Trump foi derrotado!”. Em contraste, Goffman nos dá o esboço discursivo de um detalhe etnográfico da situação, em vez de uma análise que focalizasse explicitamente o sistema de tomada-de-turnos interacionalmente gerenciado que obviamente está operando aqui. Ele relega uma sutil sequência conversacional ao nível de “contexto”, e trata o anúncio como se fosse independente, em relativo isolamento como “pista básica”. Como resultado, o anúncio final é o único enunciado que Goffman evidencia. O problema, entretanto, é que Goffman muito frequentemente se apropria da análise de outros. Muitas vezes, ele é o “cuco no ninho”.

É claro que isso dá a Sherlock e Watson uma pista, pois fornece aos analistas da conversa um possível motivo para eliminar a reputação e o legado de Goffman. Eles têm elementos para considerar Goffman mais como um pirata do que um explorador (embora eles também não sejam assim tão inocentes). Porém, eu duvido que Holmes considerasse isso motivo suficiente para o apagamento do legado de Goffman. Ao contrário, os/as analistas da conversa têm respondido fazendo com Goffman exatamente aquilo que ele fez (porém respeitosamente, citando a autoria). Eles usam alguns dos seus conceitos, mas reinterpretados e transpostos para o quadro de referência da Análise da Conversa. Não precisaria “matar” ninguém – a “vitória”, se havia uma, já estava assegurada. Veremos.

Na verdade, muitas vezes a Etnometodologia não criticava Goffman tanto, pois tratava suas análises e textos como objetos para estudo, como uma espécie de dado: em larga medida, foi o que eu fiz. Eu perguntei: “O que é necessário para que um/a leitor/a faça sentido destes textos?”

“O que um/a leitor/a precisa saber para fazer sentido dos textos de Goffman?” e ainda “O que isso nos diz sobre o uso que Goffman fez de tropos, mecanismos persuasivos, etc?”. É disso que trata meu artigo “Lendo Goffman em interação” (Watson, 2004). Ele trata tanto da recepção do/a leitor/a quanto da produção textual por Goffman. Eu critico Goffman, mas apenas lateralmente. Meu interesse está em saber “como a escrita de Goffman atinge seus objetivos?” “O que é exigido do/a leitor/a para entender os textos de Goffman?”. Minha apreciação crítica sobre a obra de Goffman tem por prioridade explicar essa obra, não simplesmente me opor a ela. Eu não sou o único entre os/as etnometodólogos/as nesse ponto. Eles/as fazem críticas de peso, mas normalmente fundamentadas em discussão analítica prévia.

É importante destacar que o fundador da Etnometodologia, Harold Garfinkel, tinha uma relação amistosa e colegial (às vezes competitiva) com Goffman. Eles se conheceram por volta de 1951, quando Garfinkel estava na Universidade de Princeton. Goffman ajudou Garfinkel a encontrar uma editora que publicasse seus *Studies in Ethnomethodology*, que estava inédito. O livro era muito não-ortodoxo, tanto em termos acadêmicos quanto linguísticos, e ninguém queria publicar (é estranho pensar, hoje, que eles temiam que este livro não fosse ter boas vendas). Anne W. Rawls mostrou que Goffman e Garfinkel trocaram manuscritos e comentários críticos ao longo de todas suas carreiras, e que certa vez, eles planejaram escrever um livro juntos, combinando o estudo de Goffman sobre o estigma com o estudo sociológico de 1958 de Garfinkel, o “Caso Agnes”, estudo de uma pessoa “intersexual” – em termos atuais, “trans” – além de outros estudos de caso similares que Garfinkel e seus colegas médicos Stoller e Rosen haviam reunido. Andrew Carlin está atualmente preparando um manuscrito sobre a relação entre esses dois grandes nomes das ciências sociais e da linguagem. Uma novidade deste trabalho é o estudo das similaridades e diferenças a respeito da informação.

John Heritage (2001) argumentou que as obras de Goffman e Garfinkel têm em comum o fato de que ambas estudam aquilo a que Goffman chamou de “A Ordem da Interação”. Esse artigo é importante porque ele também mostra a diferença entre as abordagens da Etnometodologia e da Análise da Conversa *vis-à-vis* a de Goffman. Heritage nota que a Análise da Conversa adota tanto uma posição intermediária quanto de mediação para com Goffman, e devemos manter isso em mente. Assim, a conclusão geral deve ser de que tanto a Análise da Conversa quanto a Etnometodologia têm suas diferenças com as análises de Goffman, mas nenhuma delas pode ser considerada como estando em total oposição: a situação é muito mais nuançada e complexa para uma redução tão simplista. O fato de que estes comentadores sejam vistos pelos defensores de

Goffman como se fossem oponentes inveterados é certamente mais uma pista para Sherlock Holmes!

Assim, estas são as pistas que dizem respeito a um dos conjuntos de analistas sobre Goffman – a saber, seus críticos. Acho que Holmes concluiria que, para dizer o mínimo, não há base para suspeitar que os críticos de Goffman tenham assassinado sua reputação ou apagado seu legado intelectual.

Vamos nos voltar agora para o segundo grupo de suspeitos, os advogados, defensores e (frequentemente) apologistas de Goffman. São pessoas cujas posições sobre Goffman tendem a apoiar sua obra muito mais extensivamente do que seus críticos. Neste ponto, Holmes e Watson percebem um curioso fenômeno. É que, de modo geral, estes defensores parecem mais preocupados em defender Goffman de seus críticos do que em avançar e desenvolver eles mesmos sua obra e reputação. Uma preocupação particular que eles têm é em defender a obra de Goffman de um presumido massacre etnometodológico. Isso não significa dizer que estes defensores não tenham contribuído para nossa compreensão sobre a obra de Goffman. Como eu disse acima, o artigo de Greg Smith sobre Goffman e Simmel ampliou consideravelmente nossa compreensão sobre esses dois cientistas.

Winkin, Cavan e outros nos deram informações biográficas sobre Goffman que certamente vale a pena registrar e que, em alguns casos, pode ser útil. Por exemplo, seus biógrafos examinaram o início de sua carreira trabalhando com filmes documentários, na linha do famoso documentarista John Grierson (1966). Fomos informados de que Goffman foi um ginasta na juventude, e mesmo esse fato às vezes se torna forçosamente relevante, como veremos.

Porém, o alto nível de comprometimento dos defensores com Goffman já os levou a lugares estranhos. Em sua tentativa de defender Goffman de seus agressores, reais ou imaginários, eles tendem a ridicularizar os argumentos de seus críticos: por exemplo, eles frequentemente descrevem as críticas dos opositores falseando-as, isto é, reduzindo-as ao absurdo. Eles usam aquilo que Carlin denominou “práticas de falsificação”. Assim, caso haja uma crítica que eventualmente seja mencionada, ela será super-simplificada, e, portanto, fácil de refutar. Em nenhum lugar isto é mais evidente do que na proposição de Winkin e Leeds-Hurwitz (2013) de que a concepção de contexto da Análise da Conversa é menos adequada do que a de Goffman. Eles não levam em conta que a Etnometodologia e a Análise da Conversa têm concepções muito diferentes de contexto, concepções que buscam transcender as oposições conceituais simples derivadas da sociologia e antropologia convencionais – como a oposição entre “ação” e “contexto”.

---

Eles não são os únicos a perder este ponto. Um famoso compêndio, organizado por Duranti e Goodwin (1992) sobre a noção de “contexto”, que eu saiba, não menciona uma única vez a radicalização etnometodológica desta noção, a de “contexto Gestalt”. Os defensores de Goffman nunca enfrentam estes pontos. Se o fazem, é para insistir em reduzi-los ao absurdo. E isto é uma pista para Holmes investigar.

De fato, Winkin e Leeds-Hurwitz às vezes recorrem a táticas que dificilmente poderiam ser descritas como “as melhores práticas”. Vindo de analistas goffmanianos tão distintos, isso é tão surpreendente quanto decepcionante, especialmente porque Leeds-Hurwitz foi um aluno de Goffman. Eles citam uma crítica de Goffman à Análise da Conversa, a de que a análise do “próximo turno” depois de um turno imediatamente anterior não era um procedimento adequado para apreciar o contexto da sequência. Eles notam que, em nome da Análise da Conversa, Schegloff respondeu a esta crítica, mas eles não nos informam do conteúdo da resposta. E nem acrescentam que o próprio Goffman concordou com a resposta de Schegloff. Então, nós, como leitores, fomos informados da crítica inicial de Goffman, mas não temos a substância da resposta de Schegloff. E isto é uma prática de *bias*. Não é apenas uma prática “não-melhor” que manipula o/a leitor/a, ela também nega acesso a um ponto crucial feito por Schegloff em sua resposta. E este ponto é que em um artigo anterior, o próprio Goffman admitiu que se pode tratar esses posicionamentos adjacentes como base para examinar o contexto. Eles jamais apresentam a Etnometodologia e a Análise da Conversa ao todo, apenas de modo parcial, seletivo, enviesado e atenuado. Mais pistas para Sherlock Holmes!

A Análise da Conversa tem uma noção bastante sofisticada e sensível de contexto, uma que supera a de Goffman ao transcender o par binário “ação – contexto” que se encontra na obra de Goffman e em virtualmente todas as formas convencionais de Sociologia e de Linguística. Uma noção igualmente sofisticada de contexto pode ser vista nos conceitos etnometodológicos de “indicialidade” e “reflexividade”, bem como nas aplicações empíricas destes conceitos. Há ainda a noção de “procedimentos de particularização”, “análise de pertencimento” e outros mecanismos de contextualização. Os/As analistas da conversa foram os/as primeiros/as a reconhecer que todas as conversas são “situadas”, são circunstanciais: não é que os/as analistas da conversa não estudem o contexto, apenas que eles/as o analisam de modo diferente do de Goffman. A Etnometodologia, por sua vez, transcende o par binário “ação – contexto” com a noção de “contexto Gestalt”, no qual o uso da linguagem é parte integrante da contextualização, e não superposto sobre ela. Na segunda metade do celebrado livro de D. Lawrence Wieder (1974),

“Language and Social Reality”, o autor aplicou a noção de “contexto Gestalt” àquilo que poderíamos chamar provisoriamente de “fala-em-contexto”, e eu ressaltai a relevância deste conceito para a Pragmática na Linguística. Conservadores como sempre, os linguistas convencionais raramente empregam este conceito diferente de contexto, assim como seus colegas, os sociólogos convencionais.

Além disso, é concebível que as biografias de Goffman escritas por seus defensores poderiam, com cuidado, ajudar a informar nossos *insights* com relação à sua obra. Entretanto, quase sempre, estas biografias decaem em hagiografias, com todas as falibilidades da escrita de hagiografias. Um erro hagiográfico infame e que é constantemente cometido com relação a Goffman consiste em tratar cada aspecto da vida pré-acadêmica de Goffman como se este aspecto “conduzisse” aquela vida aos píncaros da brilhante carreira acadêmica que ele indubitavelmente teve. Assim, o tempo que Goffman passou no Canadá trabalhando com uma equipe de produção de documentários na tradição de Grierson foi visto como “conduzindo” sua carreira para a sociologia ou antropologia. Ora, isto nem é esticar muito: a produção de documentários pode muito bem ser considerada uma influência em sua perspectiva acadêmica, mas os hagiógrafos de Goffman presumem mais do que demonstram esta influência. Para mim, os escritos de Goffman não “parecem” um documentário, e certamente não uma biografia ao estilo de Grierson, já que nenhum dos recursos de Grierson foram usados nos trabalhos de Goffman: além disso, descobrimos com Winkin que Goffman esteve envolvido apenas com trabalho de escritório, e não com filmagens. Para mim, nem mesmo seu livro “Manicômios, Prisões e Conventos” tem “jeito” de documentário.

Esta, então, é a armadilha que espera o “biógrafo defensor” – a de presumir que tudo na vida de seus sujeitos pode ser visto como algo que estava “conduzindo” para suas conquistas. Um exemplo mais risível vem de um analista que notou que, em sua juventude, Goffman havia sido ginasta. Este analista sugeriu que esta experiência com a ginástica somou-se à natural intuição de Goffman sobre a humilhação que se experimenta quando se cai em frente aos outros, em situações de grande responsabilidade. Acredito que os/as leitores/as que não tiverem sido ginastas também conseguirão perceber isso. Imagino que a única relevância de Goffman ter sido um ginasta foi que isso o credenciou para o papel de Instrutor de Educação Física no hospital mental que ele estudou. Já que como Instrutor, podia mover-se livremente dentro da instituição, ele estava em uma posição perfeita para fazer observação discreta. Entretanto, não estou interessado em hagiografia, a não ser para mostrar até onde os defensores de Goffman podem ir em defesa de

seu homem.

Uma tática menos risível utilizada por um defensor de Goffman pode ser encontrada em um dos textos de Greg Smith (2003) sobre Goffman. Smith acusa, sem oferecer exemplos, as críticas etnometodológicas sobre Goffman de serem “vitupérios”, escritos com “acrimônia” e “paixão”. Não é algo que eu tenha percebido. Discutir esses assuntos é simplesmente nosso trabalho. Smith parece atribuir essa suposta vituperação a algo como “dar o troco” em Goffman por ter abandonado a banca de defesa de Doutorado de Harvey Sacks, e ao ressentimento subsequente por parte dos etnometodólogos. Aquilo a que Smith chama de “ambição intelectual” de Goffman, sua personalidade notoriamente difícil, sua atuação de modo rude ou grosseiro também são apresentados como fundamento para os “vitupérios” de quem não é seu defensor.

Este empacotamento de motivos etnometodológicos é uma obra-prima da psicologia de longa-distância. Do ponto de vista do profissionalismo, esta técnica de minar os argumentos críticos dos opositores “adivinhandando” seus motivos pessoais é o pior caminho para as boas práticas. Trata-se de uma imputação *ad hominem*, bastante arbitrária, que opera como um mecanismo de descrédito. De resto, vou deixar para Manny Schegloff (1988) comentar uma instância similar de uso deste tipo de mecanismo de descrédito:

*“(Tais posições) não são apenas degradantes e intelectualmente evasivas ao rejeitar por epíteto aquilo que não pode ser enfrentado na substância, elas também são factualmente erradas”*

*“(Such views ) are not only demeaning and intellectually evasive in dismissing by epithet what cannot be decisively engaged in substance, they are factually ill-informed as well”*

Um dos aspectos factualmente errados do argumento de Smith – se eu puder, dadas as circunstâncias, acrescentar uma réplica – é que eu conheço pessoalmente todos os críticos que conheceram Goffman pessoalmente, como eu. Nenhum deles jamais expressou qualquer amargura contra Goffman por causa de sua briga com Sacks, por causa da banca, ou mesmo qualquer interesse, por menor que fosse, neste assunto. Todos nós gostávamos de Goffman e o respeitávamos. Nós gostávamos de sua irreverência para com autoridades autoinstituídas. Talvez, uma nova pista para Holmes!

Não estou oferecendo exemplos daquilo que eu considero práticas pobres por parte dos defensores de Goffman como alguma espécie de corretivo *per se*. Como os outros etnometodólogos, eu não tenho interesse em “corrigir” as análises ou práticas de Goffman ou de seus defensores. Meu interesse é em começar novamente. Este artigo surgiu como uma aula, e estas imputações *ad hominem* são uma lição sobre o que NÃO fazer. Não é recomendável conduzir

um debate atribuindo motivos pessoais a seus oponentes ou referindo-se a suas identidades, posição social, etc. Em vez disso, é preciso endereçar e debater a argumentação dos oponentes, mesmo que eles próprios estejam usando métodos questionáveis para solapar seu argumento.

Como disse Michelle Obama, *“When they go low, you go high”*.

Vamos agora para este nível mais alto e mais saudável, e examinar a argumentação. Podemos dizer que as reações dos defensores não atingiram o objetivo, e que só muito raramente eles conseguiram o nível certo para uma descrição e apreciação crítica apropriada da obra de Goffman. Eles dividem esta posição com alguns dos mais severos críticos de Goffman. Como nosso Sherlock Holmes, Wittgenstein (1963) expressa isso claramente:

*“Fica-se esquecendo de ir até os fundamentos. A marca da questão nunca é colocada suficientemente fundo”.*

*“One keeps forgetting to go right down to the foundations. One doesn’t put the question mark deep enough down.”*

Esta frase é digna do próprio Sherlock Holmes. Então, que nível é esse?

## 6. O método de investigação de Holmes

Então, qual é o “nível certo” para a descrição da obra de Goffman e para a condução de críticas, tanto negativas quanto positivas? Quais são suas vantagens, tanto em termos de caracterização da obra de Goffman quanto de apreciação crítica dela? Não estou, é claro, sugerindo que críticas baseadas nas raízes sociais e científicas de Goffman em Durkheim, Warner, Hughes, etc. sejam irrelevantes, mas acredito que elas tenham um status de “necessário mas não suficiente” se não estiverem posicionadas no nível que estou propondo.

Trata-se do nível daquilo que Wittgenstein, em sua filosofia tardia, considerou apropriado ao que ele denominou a “gramática lógica” dos conceitos de uma disciplina acadêmica, os termos e expressões que ela usa em suas análises. Ou seja, devemos descobrir a gama dos usos convencionais dos conceitos linguísticos, os termos de uma análise, devemos considerar os “jogos de linguagem” (para mim, ela própria uma descrição problemática) na qual estes termos e conceitos figuram como “lances”. Para Wittgenstein, este exercício é uma maneira “terapêutica” de desfazer nós conceituais complexos – que, com todas suas ambiguidades, confusões e contradições, com todas suas correntes cruzadas e redemoinhos. Ele via a filosofia como “terapêutica” para a clarificação destes assuntos, diagnosticando qual a confusão linguística e esclarecendo-a. Para Wittgenstein, esse era o trabalho da Filosofia. Esta abordagem é importante para o nosso estudo da obra de Goffman: é importante estudar o seu uso de conceitos,

particularmente porque o próprio Goffman dava importância aos conceitos e suas relações, como vimos anteriormente na citação de Manicômios, Prisões e Conventos. Examinar a dimensão “gramatical” das análises de Goffman é examinar radicalmente seus fundamentos. É muito diferente e muito mais profundo do que um mero “exercício literário”.

Como eu disse acima, todas as disciplinas – incluindo, é claro, a Linguística – são, em última instância, um empreendimento em linguagem natural, conduzidas em uma ou outra linguagem natural: português, japonês, inglês, etc. A disciplina em questão depende de e é moldada e formada pelos recursos descritivos daquela linguagem tanto quanto por seus limites técnicos. É por isso que a abordagem de Wittgenstein é tão importante – precisamos desvelar as confusões conceituais que necessariamente são “importadas” para dentro das disciplinas pela linguagem natural.

Assim, Wittgenstein, nosso Sherlock Holmes, nos deu um método de investigação que podemos e devemos aplicar à obra de Goffman. Holmes é ajudado nisso por seu irmão Mycroft, aqui desempenhado por Edward Rose. Em um artigo fascinante, relevante tanto para a Etnometodologia quanto para a filosofia de Wittgenstein, Rose (1960) estudou a terminologia técnica da Sociologia – termos como “função”, “papel”, “norma”, e “interação”, e descobre que todos eles tiveram significados “naturais” corriqueiros e evoluídos historicamente, e avança para a constituição de uma “sociologia natural” em constante evolução, mantida através dos séculos pelos membros comuns das sociedades. O artigo sem precedentes de Rose complementa muito bem o argumento de Wittgenstein. (É claro que, como eu disse acima, a própria Linguística também é um empreendimento em linguagem natural, embora ela tenha, em geral, falhado em estudar seus próprios recursos linguísticos! Esta é uma das razões pelas quais a linguagem é importante demais para ser deixada somente para os linguistas, do mesmo modo que a sociedade é importante demais para ser deixada somente para os sociólogos). O artigo de Rose indica que precisamos ser cuidadosos ao distinguir os usos corriqueiros dos termos daqueles usos mais estritamente relacionados à disciplina: são níveis diferentes que o processo de clarificação requer que sejam distintos, e Rose percebe a “interferência” dos usos não-técnicos dos termos sobre os usos técnicos (e, sem dúvida, vice-versa). Muitos dos problemas “técnicos” dos termos – especialmente termos como “teatro” – na verdade derivam da combinação entre diferentes usos convencionais corriqueiros daqueles termos, apresentando “gramáticas lógicas” diferentes em diferentes “formas de vida” (*Lebensforms* [conceito de Wittgenstein. N. do T.]) no cotidiano. A combinação comprometedor de um uso “gramatical” cotidiano/de senso comum com outro, ou

ainda, a combinação entre os níveis técnico e não-técnico de raciocínio é a fonte de muitos dos problemas e incoerências nas Ciências Sociais e na Linguística, ao fazer uso de termos como “performance” ou “teatro”.

Vamos começar explicando um grupo central de tropos usados por Goffman, as ideias de “teatro” e “performance”. Ao contrário de Shakespeare, Goffman pretendia que este tropo fosse um símile, não uma metáfora. Ele também reconheceu que o uso deste símile também teria seus limites. Como poderíamos esperar de Rose, e como Lakoff e Johnson (2008) elaboraram em seu livro *“Metaphors We Live By”*, símiles e metáforas são parte da linguagem cotidiana, parte da vida cotidiana: elas não são mecanismos puramente acadêmicos. A relação entre os dois níveis é algo que precisamos desvelar. Goffman usa uma mistura de significados técnicos e cotidianos em seus conceitos, e o faz de modo indefinido; para um etnometodólogo wittgensteiniano, isto é um problema. Em minha opinião, Wittgenstein (como Alfred Schutz e Gilbert Ryle) talvez dedicasse mais tempo para esclarecer os problemas relativos a este entrelaçamento comprometedor entre os níveis leigo e analítico, e eis o porquê de Edward Rose ser o nosso Mycroft, um útil aliado para Sherlock-Wittgenstein.

Do ponto de vista da “gramática lógica” de Wittgenstein, os termos “teatro” e “performance”, termos usados com frequência por Goffman, contêm muitos significados convencionais de uso corrente, que derivam nem tanto do uso técnico que Goffman faz deles, mas principalmente de seu(s) uso(s) corriqueiro(s) não-técnico(s). Por exemplo, “teatro” pode ser usado para indicar algo que “não é real”, não-autêntico. Assim, ouvimos falar em “teatro da segurança”, por exemplo em aeroportos, onde se pode encontrar uma série de dispositivos destinados a dar a impressão de segurança, mais do que serem “segurança real”, como câmeras, cartazes, cães, soldados cobertos de armas e equipamentos, etc. Enquanto isso, em outra “forma de vida” – a guerra – o termo “teatro de operações”, significando o arranjo militar das forças envolvidas e sua disposição no terreno de batalha é um bom exemplo de uso “gramatical” diferente do termo “teatro”, desta vez como uma arena de batalha bastante real.

O termo “play” também tem estes “nós” em sua coerência. Como Harvey Sacks observa na aula “Pacientes com observadores como “performers com plateia” (*Lectures on Conversation, vol 2, Lecture 3, Winter, 1969*), o termo “play” pode ser acionado 1) como um jogo ou 2) como uma peça encenada no teatro – duas “formas de vida” diferentes.

O termo “performance” também tem problemas do mesmo tipo. Vamos lembrar Wittgenstein e Rose, que observaram o trabalho feito pela linguagem no interior das disciplinas

acadêmicas. Wittgenstein pensava que a disciplina da Filosofia era constantemente induzida a incoerência lógica por falsas similaridades na gramática lógica dos termos por ela usados (na combinação de duas gramáticas lógicas diferentes, localizadas em duas “formas de vida” distintas). Esta observação certamente se aplica ao termo “performance”. Um de seus significados “gramaticais” é simplesmente conduzir uma atividade, como quando uma pessoa trabalha em (ou “performa”) uma tarefa. Outro sentido deste termo, relacionado mas um tanto diferente, indica o término bem-sucedido de uma tarefa, como na frase: “Ele pensou que não passaria na prova de matemática, mas quando chegou o dia, ele performou”. Entretanto, outro sentido gramatical do termo “performance” confunde e solapa estes usos. É que o termo “performance” e seus derivados como “performático” podem também significar algo que é falso ou de imitação, algo que não é adequado nem autêntico, que serve para enganar os outros ou mesmo para autoenganar-se. Claro, este é um problema de muitos analistas, não só de Goffman – Judith Butler, por exemplo. Como ilustração inicial, vamos examinar os seguintes exemplos que encontrei e que mostram o uso “solapador” do termo “performance” e seus derivados:

O primeiro é de um jornalista, Hadley Freeman (2020), que questionou a prática de aplaudir coletivamente o *British National Health Service* (NHS) por seu manejo da crise do Covid.

“(Mas) quando as notícias vindas dos hospitais pioraram, (os aplausos) se tornaram meramente performativos, algo que fazemos porque não sabemos mais o que fazer”

Em outras palavras, os aplausos aparecem como mera performance ao invés de apoio real, algo que é vazio e sem sentido, mais do que uma demonstração de “apreço genuíno”.

Vamos ver também este exemplo, do dramaturgo britânico James Graham (2020), falando sobre ser entrevistado online em sua casa para um programa de TV durante a pandemia de Covid:

“Tudo parece tão performativo. Parece ter alguma coisa estranhamente performativa nisso – é difícil ser você mesmo quando você está conversando com uma tela no seu quarto”.

Em outras palavras, o termo “performance” está ligado aqui ao sentido de “não ser quem se é”, ou “não ser o verdadeiro eu”.

Por fim, Alan Bennet (1994) novamente, escrevendo sobre a relutância do poeta Philip Larkin em aparecer no rádio ou televisão:

“Para um escritor, talvez haja o perigo de se converter em erudito, ou de se tornar um personagem, apresentando uma performance de si mesmo, como Betjeman fez.”

Mais uma vez, o termo “performance” está ligado com ser outra pessoa diferente de si mesmo, mera personagem midiática que se apresenta para uma audiência (v. Sacks, 1969, acima).

---

O termo “performance” pode, nesta perspectiva, indicar uma ruptura da personalidade e atividade reais da pessoa, uma espécie de falsificação delas ou ao menos uma versão superficial do “verdadeiro eu” de alguém – o tipo de superficialidade que hoje em dia associamos com o status de celebridade. Isto significa que o termo pode, deliberadamente ou não, ser empregado para efetuar uma análise “metodologicamente irônica”, relativizadora, uma análise que deprecia o fenômeno.

Um exemplo: para Goffman, fazer piadas é frequentemente parte da “performance” de um cirurgião durante a condução de uma operação. Pode ser verdade. Essas piadas, essas brincadeiras podem ser intencionais, para que o cirurgião evidencie à equipe que está operando completamente à vontade, dentro de sua área de especialidade – como um “display” da confiança do cirurgião. (Veja episódios do antigo seriado de TV americano “MASH” para ver exemplos de cirurgiões militares na linha de frente da Guerra do Vietnã fazendo piadas durante procedimentos de emergência, mesmo sob a terrível pressão dos combates). Goffman descreve esta performance jocosa realmente muito bem, mas precisamos fazer a famosa pergunta de Garfinkel: “O que está faltando?” E a resposta é: falta uma descrição de como o cirurgião e sua equipe efetivamente realizam a operação no paciente – realizando incisões, cauterizando, reconstruindo, etc. Nos termos de Garfinkel, a própria “coisidade” (*whatness*) ou “singularidade” da atividade do cirurgião não é descrita. Da parte de Goffman, só temos a piada, o *display* superficial, mais do que a verdadeira substância, a essência, o “ponto” desta atividade.

Isso significa que, ao olhar para a “performance”, Goffman está “tirando lascas” da descrição analítica de atividades. Como se ele tirasse lascas da “superfície” destas atividades, e focalizasse o “verniz”. Ou seja, muitas vezes Goffman se dedica a olhar para os aspectos de apresentação ou display de uma dada atividade, e disto resulta uma concepção “oca” daquela ação. Aspectos da performance/gerenciamento da impressão são pertinentes para a condução da atividade – embora elas sejam provavelmente mais pertinentes para a apresentação do *self* do cirurgião – mas ainda assim, elas são apenas parte da história de uma intervenção cirúrgica. Goffman não nos fornece a descrição completa, integral e profunda sobre o que, afinal de contas, aquela atividade é, quais são seus componentes essenciais e, o mais importante, como a piada se integra a estes componentes. É possível realizar uma cirurgia sem que o cirurgião conte piadas, mas não podemos ver um cirurgião contando piadas durante uma cirurgia se não houver cirurgia. Esta insuficiência em parte se deve ao formalismo simmeliano de Goffman, um formalismo que se arrisca constantemente a “perder o fenômeno”, mas que também deriva, e muito, da gramática

lógica do termo “performance”, da confusão entre seus diferentes sentidos e particularmente do sentido comprometedor de “performance” como “verniz de falsidade”. Mais uma vez, performance pode ser um termo relativizador: este é um de seus usos “gramaticais” convencionais, no sentido de Wittgenstein.

Deixem-me tentar apresentar uma ideia mais próxima do que eu tenho em mente oferecendo um cenário sobre o tipo de problemas que o termo “performance” pode nos trazer. Ele vem de Konstantin Stanislavski, o icônico diretor de teatro russo, em seu livro *An Actor Prepares* (Arlie Hochschild já empregou a obra de Stanislavski, mas por razões conceituais e propósitos empíricos bastante diferentes dos meus). Em uma aula de teatro, a estudante Maria recebe a tarefa de “procurar em vão” por um precioso broche que ela teria perdido, talvez entre as dobras de uma cortina. Stanislavski relata:

“Percorrendo todo o palco, ela abria as dobras da cortina desesperadamente, e finalmente, enfiou sua cabeça nela. Ela pretendia representar estar procurando pelo broche. As pessoas presentes ficaram rindo. O Diretor Tortsov, seu tutor, disse: ‘Tudo bem, mas onde está o broche?’

Maria respondeu: ‘oh, sim, eu esqueci disso.’

Desta vez, o Diretor disse a Maria para repetir a cena e desta vez ela deveria realmente procurar pelo broche. Ela colou seus olhos na cortina, olhou cuidadosamente cada dobra do tecido, sistematicamente.

Sobre a primeira tentativa de Maria, o Diretor disse:

‘Não, não tente nos fazer crer que na primeira vez você estava procurando o broche. Você nem pensou nisso. Você procurou apenas para sofrer, por causa do sofrimento. Mas na segunda vez, você realmente procurou. Todos nós vimos isso. Nós entendemos, nós acreditamos, porque sua consternação e preocupação eram reais.’ (Para este exercício, alguns diretores até colocam um broche nas cortinas para que a atriz procure).”

A primeira tentativa de Maria pode ser chamada de “performance”. Ela foi rasa, não era autêntica. Mas a segunda tentativa pode ser chamada de autêntica – havia ali uma realidade, um propósito, uma profundidade natural. A segunda tentativa tinha o “*what-ness*” da ação, tinha o *propósito* definidor da ação, que era procurar um broche perdido. A análise da “performance” por Goffman se assemelha à primeira tentativa de Maria. Sua segunda tentativa mostra a ação em sua plenitude. Para um etnometodólogo, e, eu acredito, também para linguistas, a descrição e análise de ações deve parecer com a segunda tentativa de Maria. Elas não devem identificar as ações como meras performances, como meras “apresentações do self”, como meros “displays” superficiais.

Evidentemente, o termo “performance”, como outros termos de sua “família” – “teatro”, “palco”, “bastidores” – operam como parte de um tropo, uma figura de linguagem. Como o termo

“performance”, os outros membros desta família “teatral” de conceitos podem ser usados como termos relativizadores, como em “teatro da segurança”. Goffman estava consciente de que estava usando tropos. Como destaquei acima, ele sempre insistiu que sua analogia teatral tinha a intenção de ser um símile, não uma metáfora. Diferente de Shakespeare, ele não disse “o mundo todo é um palco”: Goffman disse que o mundo era *como* um palco (e também que existem algumas coisas que não são palcos). Esta é uma grande diferença, ainda que Goffman escorregasse frequentemente nas metáforas. Ele também tenta impor limites e controles ao uso destes tropos. Entretanto, algumas perguntas permanecem: que procedimentos ele emprega para controlar essa analogia? Como Goffman garante a aptidão de um dado símile? Que procedimentos existem para, por exemplo, para limitar a extensão semântica de uma imagem, de modo a pará-la antes que ela comece a trazer prejuízo? Por exemplo, será que Goffman exagerou a amplitude de seu símile teatral? Será que ele conseguiu aplicar algum procedimento de controle? Será que ele reconhece e tenta controlar os “nós” da gramática lógica convencional em seus conceitos?

Certamente há vantagens nos símiles que Goffman usa. A apresentação analítica de, digamos, uma cirurgia como um “jogo” onde os/as participantes podem brincar e se divertir parece incongruente. Porém, esta mesma incongruência tem valor, como Kenneth Burke destaca ao descrever o trabalho que pode ser feito quando se emprega essa “perspectiva por incongruência”, tão presente em Goffman. Esta perspectiva nos faz olhar para o cenário, nos faz ver coisas que não “víamos” antes porque as aceitávamos tacitamente, as tomávamos como dadas, as deixávamos para trás. Ela nos faz perceber ativamente fenômenos que Garfinkel diz que são rotineiros, passivamente vistos, mas não notados. O uso de um símile pode fazer de nós melhores observadores ao remover as camadas de coisas que tomamos como dadas (*taken-for-grantedness*) que nos fazem perder aspectos do cenário e da ação. Para usar uma expressão de Garfinkel, um bom símile pode “fazer o peixinho dourado se dar conta da água em que está nadando”.

Porém, há também uma perda ao usar essas metáforas incongruentes. Considerar uma intervenção cirúrgica como um “jogo divertido” pode nos ajudar a compreender alguma de suas características, mas ainda assim, descreve mal o modo como o cirurgião e demais participantes da operação definem o que estão fazendo – a saber, como qualquer coisa menos um jogo, como um procedimento sério em que uma vida pode estar em risco. Então, em um nível mais profundo, o uso dos tropos de Goffman arrisca descrever equivocadamente o modo como os/as participantes descrevem ou definem os elementos centrais da situação. Às vezes, Goffman mostra interesse sobre como as pessoas definem as cenas de que participam, mas sua metodologia é

frequentemente avessa a analisar este tipo de dado. Apesar de todos os seus esforços em *Frame Analysis* e outros escritos, boa parte de sua obra permanece “intersubjetivamente problemática”.

Isso aponta para uma falha mais grave de Goffman. Suas análises, baseadas no uso de tropos, não atende a todo um estrato da ação social, aquele da “ordem constitutiva” ou “prática constitutiva” – ou seja, as práticas que as pessoas em interação utilizam para fazer sentido da situação e das ações umas das outras. Se através de um símile você se afasta ou mesmo falsifica o sentido compartilhado pelas pessoas que participam da situação, então, naturalmente, você perderá a oportunidade de examinar como elas chegaram a, sustentaram e transformaram este sentido compartilhado. Mais uma vez, o uso de tropos “tira lascas” da descrição da ação – ele tira uma lasca para estudar os aspectos de display e deixa o resto, os aspectos subjacentes da produção de sentido, sem serem estudados. Nós não temos uma descrição da ação que a evidencie em sua plenitude ou significado: em vez disso, temos apenas uma caracterização parcial, oca e muitas vezes enganadora.

Goffman conta com os conhecimentos de senso-comum e familiaridade corriqueira com as situações que ele (re)descreve. Esses conhecimentos estão localizados em uma “ordem constitutiva” da interação que a própria análise interacional de Goffman não enfrenta, não analisa, mas da qual depende. A prática da ordem constitutiva das pessoas é, em larga medida, um substrato “subjacente” aos tipos de informação ou de técnicas de gerenciamento da impressão que Goffman estuda. Novamente, ele “tira uma lasca” dessas técnicas, separando-as de seu local profundo de “prática constitutiva”. Penso que informação/gerenciamento da impressão não são irrelevantes para a prática constitutiva: elas são uma parte bastante pública dela, mas não ela toda. Precisamos integrar o trabalho de Goffman sobre gerenciamento da impressão com a análise de práticas constitutivas e esta seria pelo menos uma das maneiras pelas quais o trabalho de Goffman poderia ser resgatado. Há outros caminhos mais, talvez mais próximos do quadro de referência original de Goffman.

\* \* \* \* \*

Neste artigo, busquei investigar quem ‘matou’ o legado intelectual de Goffman. Porque seu trabalho não foi levado adiante pelos/as milhares – dezenas de milhares – de acadêmicos/as que trabalham em todo o mundo segundo os termos que Goffman colocou? Embora eu seja crítico de Goffman, acredito que essa aceitação massiva seria muito bem-vinda. E este é o mistério que eu,

Dr. Watson, com a ajuda de Sherlock Holmes, me propus a investigar. Meu procedimento foi o seguinte:

1. Holmes e eu procuramos por pistas nos trabalhos daqueles que eram conhecidos como os críticos mais severos de Goffman. Achamos que as pistas indicavam que eles não poderiam ser responsabilizados por esta morte. Descobrimos que estes críticos estavam mais interessados em **explicar** as análises de Goffman, para descobrir como funcionavam, mais do que simplesmente oporem-se a ele. Qualquer crítica ou oposição, embora séria, foi feita em uma tentativa de explicar, de entender.

2. Então, começamos a olhar para os defensores e advogados de Goffman. Descobrimos que eles estavam muito preocupados em defender a obra de Goffman por quaisquer meios, corretos ou não. Eles “enrolaram” as críticas a Goffman como jogadores rolam seus dados. Eles sujeitaram essas críticas a um *reductio ad absurdum*. Holmes encontrou um enxame de pistas aqui. O resultado é que eles nunca enfrentaram as críticas a Goffman para ver de que maneira sua obra poderia ser desenvolvida, ou adaptada para os tempos de hoje, enquanto continuasse preservando o quadro básico de referência goffmaniano. Porém, é como se eles tivessem conservado a obra de Goffman em formol. Eles emparedaram a sua análise. Um dos motivos pelos quais isto aconteceu foi que eles nunca encontraram o nível correto para descrever o trabalho de Goffman, e assim, não puderam desenvolvê-lo. Há muitas pistas e inferências aqui para Holmes.

3. Então nós perguntamos: “Qual o nível correto para criticar e desenvolver a obra de Goffman?” Como Holmes, temos que ir um pouco mais fundo. Aqui, nós procuramos adaptar o método de investigação de Wittgenstein, para aplicá-lo à linguagem e aos conceitos da análise de Goffman, buscando ver como estes conceitos operavam e que consequências esta operação tinha para sua análise. Aplicamos este método à inspeção dos tropos goffmanianos, suas figuras de linguagem, tal como “teatro” e “performance”. Percebemos que os defensores de Goffman raramente – se é que – atingiram este nível, ainda menos para estar em uma posição na qual eles poderiam preservar, para não dizer desenvolver, a obra de Goffman em seus próprios termos.

Então, quem “matou” o legado intelectual de Erving Goffman? Quem destruiu seu futuro? Holmes conclui que, na balança das probabilidades, foram os próprios defensores de Goffman, seus próprios fãs e advogados que o fizeram. Ao se preocuparem exclusivamente em fazer a

curadoria de sua obra, ao defendê-lo e atacando abordagens como a Etnometodologia e a Análise da Conversa, eles se distraíram da tarefa central de levar a obra de Goffman adiante, deixando seu legado definhando. Neles, temos o nosso pusilânime Professor Moriarty. Elementar, meu caro Watson!

## Referências

- BELLOI, L. La scene proustienne: Proust, Goffman et le Theatre du Monde. (The Proustian Stage: Proust, Goffman and the Theatre of the World). Paris: Nathan, 1993.
- BENNETT, A. Cold sweat. In: BENNETT, A. Writing Home. London: Faber and Faber, 1994.
- CARLIN, A. P. (forthcoming): Goffman and Garfinkel: sociologists of the interaction order. In: JACOBSEN, M. H.; SMITH, G. (Ed.). The routledge international handbook of Goffman studies. London: Routledge.
- DURANTI, A.; GOODWIN, C. Rethinking context. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.
- DURKHEIM, É. The rules of sociological method. New York: Free Press, 1982.
- FREEMAN, H. Clapping the NHS? With sisters on the frontline, this no longer feels enough. London: The Guardian, Weekend Magazine, v. 2, p.3, may, 2020.
- GASTALDO, E. (Ed.) Erving Goffman : desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
- GOFFMAN, E. The Presentation of Self in Everyday life. New York: Doubleday, 1959.
- \_\_\_\_\_. Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates. New York: Doubleday, 1961.
- \_\_\_\_\_. Forms of talk. Oxford: Blackwell, 1981.
- GRAHAM, J. On Mary Beard's 'front row: The Late Show', BBC2TV, (October), 2020.
- GRIERSON, J. Grierson on documentary. In: HARDY, F. (Ed.). Revised 1966. London: Faber and Faber, 1966.
- HACKER, P. M. S. Wittgenstein on human nature. London: Phoenix, 1977.
- HERITAGE, J. Goffman, Garfinkel and Conversation Analysis. In: WEATHERELL, M.; TAYLOR, S.; YATES, S. J. (Ed.) Discourse theory and practice (Chapter 4). London: Sage, 2001.
- HOCHSCHILD, A. R. The managed heart: the commercialization of human feeling. Berkeley: The University of California Press, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 2008.
- ROSE, A. M. The relation of theory and method. In: GROSS, L. (Ed.). Sociological theory: inquiries and paradigms. New York: Harper and Row, 1967.
- ROSE, E. The English record of a natural Sociology. American Sociological Review, v. 25, n.2, p.193-208, 1960.
- SACKS, H. Lectures on conversation (2 vols). In: JEFFERSON, G. (Ed.). Oxford: Routledge, 1992.
- SCHEGLOFF, E. A. Goffman and Conversation Analysis. In: DREW, P.; WOOTTON, A. (Ed.) Exploring

---

the interaction order. Cambridge: Polity Press, 1988.

SCHEGLOFF, E. A. Introduction. In: SACKS, H., op. cit., 1992.

SHARROCK, W. Review of Goffman's 'Frame Analysis'. *Sociology*, v. 10, p.332-334, 1976.

SMITH, G. Ethnomethodological readings of Goffman. In: TREVINO, A. V.; TREVINO, V. A. (Ed.). *Goffman's Legacy*. Massachusetts: Rowman and Littlefield, Chapter 10, 2003.

SMITH, G. Snapshots sub specie aeternitatis; Simmel, Goffman and Formal Sociology. In: FRISBY, D. (Ed.). *Georg Simmel: critical assessments*. London and New York: Routledge, 1994.

STRONG, P. M. *The ceremonial order of the clinic: parents, doctors and medical bureaucracies*. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.

STRONG, P. M. The importance of being Erving: Erving Goffman, 1922-82. *The Sociology of Health and Illness*, v.5, n.3, p. 345-55, 1983.

TERASAKI, A. K. Pre-announcement sequences in conversation. In: LERNER, G. (Ed.) *Conversation analysis: studies from the first generation*. Amsterdam: J. Benjamins Publishers, 2008.

VERHOEVEN, J. C. An Interview with Erving Goffman. *Research on Language and Social Interaction*, v. 26, n.3, p. 317-348, 1993.

WATSON, R. Goffman, talk and interaction. *Theory, Culture and Society*, v.2, n.1, p.103-109, 1983.

WATSON, R. The understanding of language use in everyday life: is there a common ground? In: WATSON, G.; SEILER, R. M. (Ed.). *Text in context: studies in Ethnomethodology*. New York: Sage, 1992.

WATSON, R. Harold Garfinkel and pragmatics. In: VERSCHUEREN, J.; OSTMAN, J.; BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (Ed.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: IPrA/J. Benjamins, 2016.

WIEDER, D. L. *Language and social reality: the case of telling the convicts' code*. The Hague: Mouton, 1974.

WINKIN, Y.; LEEDS-HURWITZ, W. *Erving Goffman: a critical introduction to media and communication theory*. New York: Peter Lang Publishers, 2013.

WITTGENSTEIN, L. *Culture and value*. Ed. G. H. von Wright in collaboration with H. Nyman (translated by P. Winch). Oxford: Blackwell, 1980.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 1963.

---